

MUSEU AFRO BRASIL: DIFICULDADES NA DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA¹

Guilherme Lopes Vieira² e Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua³

Resumo

Este estudo tem como objetivo discutir as dificuldades e os desafios do processo de Documentação do acervo do Museu Afro Brasil, uma instituição museológica peculiar, tanto pela especificidade de sua filosofia curatorial como pelo histórico de formação de sua coleção, estritamente relacionado à trajetória de seu fundador.

Para exemplificar algumas dessas dificuldades, tomar-se-á como estudo de caso a obra intitulada “Iemanjá”, uma escultura em madeira, do século XIX, que mesmo depois de inserida num contexto museológico continuou a incorporar elementos materiais extrínsecos à obra, entretanto diretamente ligados a uma função devocional que lhe foi dada já no contexto de musealização.

Introdução

O Museu Afro Brasil, localizado na cidade de São Paulo (Brasil), é uma instituição pública fundada em 2004, a partir do acervo particular do artista, curador e colecionador Emanuel Araujo. O acervo, formado prioritariamente por obras que revelam a contribuição do negro para a história do Brasil, é bastante diverso e contempla desde documentos históricos até obras de arte contemporânea .

Esta pesquisa visa justamente à identificação das dificuldades inerentes à atuação dos profissionais de documentação nessa instituição museológica totalmente atrelada ao percurso profissional e intelectual de seu idealizador. Tais dificuldades se relacionam tanto às especificidades de sua filosofia curatorial, pautada na busca de intersecções dos remanescentes africanos na cultura brasileira, quanto ao histórico de composição de sua coleção.

Faz-se necessário mencionar que parte significativa da proposta curatorial do Museu Afro Brasil foi gestada durante anos de pesquisas do próprio Emanuel Araujo, que culminaram na realização de projetos como o da exposição e publicação “A mão afro-brasileira”, datadas de 1988 e a curadoria do núcleo expositivo “Negro de corpo e alma”, da “Mostra do Redescobrimento”, em 2000, entre outras iniciativas.

¹ Este estudo de caso foi apresentado na conferência anual do CIDOC (International Committee for Documentation of ICOM), realizada em Setembro de 2015 em New Delhi, Índia. A conferência intitulava-se "Documenting Diversity: Collections, Catalogues and Context".

² Documentalista - Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil.

³ Historiadora – Doutoranda, Universidade de São Paulo.

O núcleo organizado pelo colecionador Emanuel Araujo na “Mostra do Redescobrimento” buscou contemplar desde o processo de imigração africana, impulsionada pela escravidão, até a retomada da autoestima da sociedade brasileira, em especial da população negra, através das artes, da história e da memória. Este mesmo propósito foi posto em prática posteriormente na exposição de longa duração do Museu Afro Brasil.

Musealização no Museu Afro Brasil

A musealização pode ser entendida como o processo de ressignificação imposto aos artefatos da cultura material que, anteriormente inseridos na sociedade pelo seu caráter funcional e utilitário, adquirem um estatuto de excepcionalidade. Isso porque tais objetos passam a representar uma ideia, uma história ou algo além de sua originalidade primária, funcional, transformando-se em um exemplar singular. Dessa forma, através da contextualização particular que cada instituição museológica infere sobre seu item, passam a ser explorados em sua potencialidade informativa nos âmbitos: científico, social, político, econômico, cultural, religioso, etc. Portanto, tornam-se um objeto de museu⁴.

No Museu Afro Brasil, essa transposição conceitual não se dá de forma facilitada, já que a sua dinâmica curatorial, pautada pelas práticas colecionistas, caracterizadas pela espontaneidade e fragmentação da informação, credenciam certa liberdade na maneira como se criam os arranjos museográficos. Essa postura é problemática para os procedimentos da documentação em museus, na medida em que o artefato no Museu Afro Brasil sofre interferência direta de seu curador, criando novas significações para o objeto. Para exemplificar esses desafios, utilizar-se-á o exemplo de uma escultura em madeira denominada “Iemanjá” (ver Figura 01), de propriedade do fundador do museu, salvaguardada na exposição de longa duração (ver Figura 02), por meio do empréstimo em comodato.

Iemanjá

Iemanjá faz parte do panteão dos orixás, divindades iorubanas ligadas à natureza e cultuada em países como Nigéria, Benim e Togo. Introduzida no Brasil através de pessoas escravizadas vindas dessas áreas específicas do continente africano, Iemanjá é considerada no Brasil como a deusa dos mares e dos oceanos, além da grande mãe dos outros orixás (simbolizada pelos grandes seios).

Antes restrita às casas de culto de Candomblé e Umbanda, ao longo dos anos Iemanjá se tornou um símbolo da cultura nacional, sendo reverenciada em festas em várias cidades brasileiras. Na cidade de Salvador, no Estado da Bahia (Brasil), por exemplo, a celebração ocorre no dia 02 de fevereiro e tem como

⁴ DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 56.

ponto central o templo denominado “Casa de Yemanjá”, localizado no bairro Rio Vermelho. Esse templo, no entanto, recebe devotos durante todo o ano, que oferecem em homenagem a essa divindade “presentes” como perfumes, sabonetes, alimentos e adornos, tais como espelhos e bijuterias. Além das festas em honra a Iemanjá, é prática comum também em todo o Brasil, as pessoas homenagearem essa divindade jogando oferendas ao mar, em troca de pedidos de proteção e prosperidade no novo ano.

Não por acaso o Museu Afro Brasil apresenta em seu acervo uma quantidade considerável de objetos relacionados aos orixás. Emanuel Araujo, além de ter vivido parte de sua vida na cidade de Salvador e ser grande interessado pelo tema, é um iniciado no Candomblé, o que se apresenta como um indicativo explicativo para as interferências feitas na escultura que mais adiante será analisada.

Especificamente sobre a orixá Iemanjá, é possível afirmar que o Museu expõe atualmente em torno de vinte e sete objetos relacionados a essa divindade iorubana, sendo grande parte deles relacionada à figura da sereia, ser mítico que no Brasil foi vinculado à Iemanjá devido a sua relação direta com as águas. Por causa dos intensos contatos ao longo dos séculos entre as religiões afro-brasileiras estabelecidas no Brasil e o catolicismo essa divindade também foi associada às Imagens marianas cristãs, tais como Nossa Senhora da Conceição, dos Navegantes, do Carmo ou das Candeias.

Documentação Museológica

Para os procedimentos metodológicos específicos de organização e gerenciamento das informações dos artefatos colecionados no Museu Afro Brasil, realizados pela documentação museológica, a agência do colecionador/curador interfere no processo de sistematização das informações dos artefatos, no que diz respeito a sua procedência, aquisição, autoria, histórico de atuação em outras exposições e até mesmo na legitimidade do artefato como representante de uma forma hegemônica de prática religiosa ou cultural, como é nesse caso evidenciada, na descontextualização⁵ imposta, a escultura de Iemanjá.

Através da análise de indícios presentes no objeto e a partir da investigação do artefato em catálogos de exposições, fica evidente que a Iemanjá estudada sofreu transformações que desvirtuam, em última instância, a compreensão do artefato em toda a sua complexidade.

É importante ressaltar, que o processo de musealização não deve ser entendido como um movimento puro, romântico, positivista, mas uma ação, muitas vezes, orquestrada, agenciada por interesses específicos. O museu não deve ser observado como um detentor de verdades absolutas, mas como um espaço de intermediação entre objetos que antes inseridos na sociedade possuíam utilidade, e que, agora em um museu, refletem uma possibilidade de entendimento acerca de sua função na sociedade à qual pertenciam.

⁵ MENESES, 1994, p. 30

O que não deve ser ignorado é que o processo de musealização é efetuado por sujeitos que possuem perspectivas bem definidas de pensamento, que refletem vontades institucionais ou individuais. A documentação museológica deve estar a serviço da investigação problematizadora, na medida em que, os profissionais técnicos não podem se omitir diante de ocorrências dessa magnitude. O que esse estudo pretende é indicar uma possibilidade de atuação em situações correlatas, haja vista que o levantamento histórico documentado do artefato servirá no mapeamento dessas “agências curatoriais”.

Documentação da Iemanjá

Através da investigação histórica pode-se perceber, de antemão, que este item da coleção do fundador do museu não se apresenta em sua originalidade. O primeiro indício da interferência diz respeito a uma perfuração no topo da cabeça da figura feminina (ver Figura 03). Na escultura, pode-se perceber que a perfuração foi realizada de forma pouco habilidosa, não respeitando a centralidade da cabeça da escultura.

No artefato como ela se apresenta atualmente, a perfuração acomoda um objeto de adorno denominado “resplendor”, característico na produção de imaginaria sacra cristã. Este item, que deve ser posicionado sobre a cabeça da escultura, pretende representar uma auréola, sinalizando que o objeto retrata uma pessoa canonizada pela Igreja. Usualmente, as esculturas de Nossa Senhora também possuem esse círculo com raios sustido sobre sua cabeça, como pode ser observado nas esculturas de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora das Dores, do Museu de Arte Sacra de São Paulo (Brasil) (ver Figura 04).

Outro ponto a ser considerado refere-se ao cordão cingido no pescoço da figura feminina. Ao observá-lo, pode-se notar que ele possui um crucifixo em sua extremidade que é composto por contas em toda a sua extensão, que correspondem a uma espécie de guia para as orações. Trata-se de um objeto que nos remete a um “terço” do culto católico.

A partir do levantamento das imagens dessa mesma obra em publicações como catálogos de exposições foi possível notar que a escultura já foi exposta sem qualquer tipo de adorno, como é o caso da exposição “A Mão Afro -brasileira” de 1988 e também da mostra “Arte e Religiosidade no Brasil”, de 1997, ambas realizadas em São Paulo (ver Figura 05). Parece ter sido na Mostra do Redescobrimento ocorrida em 2000 que a Iemanjá pela primeira vez recebeu adornos. Esses mesmos adornos aparecem na obra quando ela foi exposta também na mostra “Para Nunca esquecer: negras memórias, memórias de negros”, realizada em 2001 no Rio de Janeiro e posteriormente em São Paulo, em 2003.

Foi, entretanto, no Museu Afro Brasil que a obra sofreu mais variações no que diz respeito à incorporação de adornos. No catálogo da coleção do Museu Afro Brasil, publicado em 2010, a obra apresenta o mesmo “terço” no pescoço já apresentado em versões anteriores, porém, nessa publicação, ela aparece ainda com dois outros colares, sendo um deles cruzado junto ao corpo da estatueta. Apesar de

apresentar também um resplendor, nota-se que não se trata do mesmo adorno de cabeça incorporado anteriormente.

Quais são os impactos dessas interferências para a compreensão de objetos de museus? E quais são as problemáticas envolvidas para o processo de documentação?

Conclusão

Se o objeto de museu pode ser entendido como um testemunho material, simbólico e funcional de um exemplar do cotidiano que está temporariamente impedido de exercer sua utilidade (ou funcionalidade) para se tornar um portador de sentido, um semióforo⁶, nessa perspectiva o observador espera que o objeto de museu seja “o” exemplar da realidade.

Quando se depara com exemplares como o da escultura de Iemanjá, o profissional técnico em documentação deve tomar medidas que resguardem a pesquisa histórica, através de registros, como os realizados nesse estudo de caso.

Nessas situações, em que o que está em jogo são práticas colecionistas, a documentação em museus deve observar esses casos através do prisma histórico, que problematiza inclusive a trajetória dos sujeitos em relação aos seus objetos. O que não se deve ignorar é que a musealização infere valor ao artefato e é papel da documentação em museus traçar a construção discursiva estabelecida através do agenciamento determinado por gostos particulares.

Algumas questões, no entanto, impedem que esse tipo de trabalho seja realizado de maneira plena no Museu Afro Brasil. A primeira delas diz respeito aos arranjos museográficos, em certa medida similares a arranjos cenográficos, propostos na maioria das vezes sem a parceria com o setor de salvaguarda e documentação. Ou seja, a obra normalmente sofre interferências curatoriais sem que estas sejam comunicadas a esses setores. Segundo, o trabalho de pesquisa no Museu Afro Brasil, além de não ser integrado a esses setores acima citados, está pautado prioritariamente na investigação voltada para exposições temporárias, que são prioridades desta instituição.

⁶ POMIAN, 1996, p. 5



Figura 01. Iemanjá, escultura em madeira do século XIX, elaborada por um artista popular. 24,5 x 13 x 13,2 cm. Fonte: Autores do texto, setembro de 2015.



Figura 02. Iemanjá na exposição de longa duração. Fonte: Autores do texto, setembro de 2015.



Figura 03. Perfuração na cabeça da escultura. Fonte: Autores do texto, setembro de 2015.



Figura 04. Iemanjá (Museu Afro Brasil), Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora das Dores (Museu de ArteSacra). Fonte: Autores do texto, setembro de 2015.



Figura 05. A esquerda, escultura de Iemanjá, sem adornos, exposta em 1988 e 1997. A direita, a mesma escultura exposta em 2000, 2001 and 2003. Fonte: Autores do texto, setembro de 2015.



Figura 06. Imagem da Escultura no catalogo "*Museu Afro Brasil: um conceito em perspectiva*", publicado em 2010 (SP: Banco Safra).

Referências Bibliográficas

AGUILAR, Nelson (org.) 2000, **Mostra do Redescobrimento: Negro de corpo e alma**. São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes visuais, 2000.

ARAUJO, Emanuel, 1988, **A Mão Afro-Brasileira**. São Paulo: Tenenge, 1988.

_____ (org.), 2002, **Para nunca esquecer: negras memórias / memórias de negros**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2002.

_____ (org.), 2006, **Museu Afro Brasil. Um conceito em perspectiva**. São Paulo: Museu Afro Brasil; Banco Safra, 2006.

_____ (org.), 1997, **Arte e Religiosidade no Brasil: heranças africanas**. São Paulo, Pinacoteca do Estado, 1997.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F., 2013, **Conceitos-chave de Museologia**/André Desvallées e François Mairesse, editores; Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo : Secretaria de Estado da Cultura.

MENESES, Ulpiano T. B., 1994, **Do Teatro da Memória ao Laboratório da História. A exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material (São Paulo), n. 3, p.9-42.

POMIAN, Krzysztof., 1987, **Collectionneurs, amateurs et curieux: Paris, Venise, XVI e XVIII siècles**, Paris, Gallimard.